

CAPA DO LIVRO DE IMAGEM: MEDIAÇÃO DA LEITURA

Marília Forgearini Nunes¹

Eixo temático: Alfabetização, cultura escrita, tecnologias educacionais e outras linguagens

Resumo: A capa é um convite à leitura sob diferentes perspectivas no processo de alfabetização e letramento. Neste estudo analisa-se a textualidade da capa de um livro de imagem como atividade de letramento visual. Para isso, analisa-se a capa de um livro de imagem tendo como base teórica a semiótica discursiva associada a conceitos da semiótica plástica e da sociosemiótica. A interação com a linguagem visual que predomina no texto apresentado pelo livro inicia pela capa. A capa é mediadora da experiência sensível que é ler o texto visual, é oportunidade de realizar inferências e compreender como a linguagem visual produz sentidos, uma relação semiótica entre expressão e conteúdo que estará presente no livro. Ler a capa, portanto, não é apenas uma atividade motivadora para a leitura, mas é parte da mediação, do processo que aproxima o leitor da leitura como um todo e apresenta-o à linguagem que constitui o texto.

Palavras-chaves: Livro de imagem; Leitura; Mediação; Sentido.

Introdução

Este estudo assume como objeto de suas reflexões o livro de imagem, cuja leitura envolve o ver para compreender como as substâncias visuais - ponto, linha, forma, direção, tom, cor, textura, dimensão, escala e movimento - presentificam e figurativizam uma narrativa, inaugurando a produção de sentidos do livro e da sua narrativa envoltos pela capa e mediando a sua leitura - tanto da capa quanto do livro. A leitura de um livro de imagem é uma experiência de letramento visual que pode auxiliar no processo de alfabetização verbal como oportunidade de educar o olhar para a expressão visual e gráfica também implicada na representação gráfica das letras.

¹Doutora em Educação (PPGEDU/UFRGS). Professora no Departamento de Ensino e Currículo da Faculdade de Educação, UFRGS, na área Didática dos Anos Iniciais, leitura e escrita. Contato: mariliaforginunes@gmail.com.

Neste estudo analisa-se uma capa de um livro de imagem, observando como essa capa transparece sentidos e modos de ser e agir para interagir com um leitor implícito, como convite à leitura do livro. Essa observação é assumida como o momento em que o mediador compreende a textualidade e identifica efeitos de sentido que podem possibilitar uma mediação ao mesmo tempo sensível e inteligível, desenvolvendo o letramento visual do leitor mediado.

Entende-se que o modo como a capa convida à leitura a partir de uma enunciação discursiva visual revela modos de ser e agir que podem ser relevantes para uma leitura sensível e não meramente inteligível. A capa convida à leitura que não é reconhecimento de figuras visuais ou gráficas, nem atividade de motivação para leitura é interação sensível e aberta ao sentido na interação capa-leitor que educa o olhar para a expressão e o conteúdo visual e gráfico.

O trabalho organiza-se em três partes. Na primeira, explicitam-se conceitos essenciais da semiótica discursiva e da sociosemiótica que auxiliam a compreender como a capa, *embalagem do livro* conforme definem Ramos e Panozzo(2005), produz sentidos sobre a narrativa e inaugura a leitura do livro. Na segunda parte, analisa-se a capa do livro de imagem selecionado e pondera-se sobre como o texto visual da capa medeia as interações leitoras e as possibilidades de sentido. Por fim, discute-se de que modo a capa torna-se elemento importante na mediação da leitura, mais do que uma atividade motivação para a leitura.

2 Para ler a imagem da capa: fundamentação teórica

Assume-se a perspectiva da leitura de imagem da semiótica discursiva tendo por base as ideias de Floch (1985; 2001), Oliveira (1999; 2001).

A semiótica discursiva oferece conceitos para que se compreenda a textualidade constituída pela linguagem visual constituindo um modelo que explica a produção e a apreensão do sentido imanente ao texto. O percurso gerativo de sentido é utilizado neste estudo para traçar o caminho dos sentidos imanentes ao texto, do seu nível mais abstrato e periférico ao nível mais concreto e profundo (FLOCH, 2001).

Os sentidos de um texto visual decorrem dos elementos de expressão visual e da sua organização sintática e semântica. Esses sentidos se constituem a partir da presença recíproca entre expressão e conteúdo em uma relação semissimbólica, isto é, que não se dá termo a termo, mas a partir das qualidades sensíveis e dos conteúdos que enunciam na relação imanente ao texto. Para a semiótica discursiva a imagem não é signo, porque a leitura semiótica não se concentra apenas nas dimensões figurativa e retórica, mas volta-se também às qualidades sensíveis da imagem (FLOCH, 1985). Interessa para tal perspectiva a

compreensão do funcionamento da linguagem no texto visual, o que torna a semiótica uma teoria da significação como processo da linguagem, não como processo de comunicação intencional (FLOCH, 1985).

Organizado em três níveis, o percurso gerativo de sentido permite identificar elementos de expressão e produzir inferências, valendo-se do texto e como ele se apresenta ao leitor: "O percurso gerativo de sentido é uma sucessão de patamares, cada um dos quais suscetível de receber uma descrição adequada, que mostra como se produz e se interpreta o sentido, num processo que vai do mais simples ao mais complexo." (FIORIN, 2001, p. 17).

O **nível fundamental**, constitui-se de um par de ideias opostas que se revelam por meio de escolhas semânticas e sintáticas do texto. Essas ideias opostas são instrumentos importantes na ação narrativa no segundo nível do percurso. No **nível narrativo**, as ideias opostas, pela ação dos actantes, ocupam espaços e se alternam no tempo e no espaço narrativos, revelando transformações no movimento entre enunciados de estado e enunciados de fazer. Os actantes atuam e se caracterizam na alternância de ideias, no predomínio de uma ideia em detrimento da outra. A narração é o que possibilita que uma ideia que no início da narrativa predomina - valor eufórico - torne-se a não dominante ao final - valor disfórico. Ao longo das relações de junção (disjunção ou conjunção) e ao longo das transformações o texto apresenta enunciados de ser(estado) e de fazer que se organizam hierarquicamente, podendo compreender quatro fases: a manipulação, a competência, a performance e a sanção (FIORIN, 2001). O **nível discursivo** é o nível final, quando o sentido se mostra construído pelo percurso da leitura, revestido de figuras e temas que concretizam o sentido.

A semiótica auxilia a compreender esse percurso que é possibilitado pelo texto de maneira imanente. No entanto, isso não restringe o sentido ao texto, pois não se privilegia o signo ou a transmissão de uma mensagem (FLOCH, 1985). Os sentidos estão no texto, mas também dependem de quem lê o texto, numa perspectiva que posiciona a lente teórica da semiótica "[...]mais próxima da antropologia do que da teoria da informação." (FLOCH, 2001, p. 11).

No texto visual, assim como no verbal, "[...] um tecido de significação [é] tramado coesamente", de maneira que o comportamento analítico baseia-se em descrever "[...] **como** a imagem mostra o que mostra, buscando instrumental metodológico para explicitar e compreender **como** ela significa o que significa, pelos modos de sua estruturação textual." [grifos da autora] (OLIVEIRA, 2001, p. 6). A leitura da imagem, portanto, não se restringe à descrição dos elementos de expressão, das substâncias visuais utilizadas, tampouco das formas e figuras constituídas por meio dessas substâncias. Ler a imagem pode iniciar pela desconstrução para que as substâncias sejam identificadas e (re)conhecidas, mas a leitura se completa ao estabelecer as relações entre as substâncias e a formas por elas constituídas

na textualidade que se vê/lê. Isso revela a importância do texto como objeto sensível que busca o olhar, pretendendo ser visto para que os sentidos possam ser produzidos.

A sociosemiótica oferece conceitos para que se compreenda como sentido e interação estão associados nas diferentes relações que se estabelecem no próprio texto ou entre sujeitos ou entre sujeitos e objetos culturais tais como a capa de um livro. Esses conceitos explicitam que a produção de sentido não depende somente da imagem da capa, compreende também o leitor, o sentido é imanente ao texto, mas espera o olhar do leitor para ser produzido.

A produção de sentidos, portanto, não se baseia na decifração, mas na apreensão sensível do texto. Segundo Landowski (2014b, p.13), associar interação e sentido não segue a lógica da *junção*, isto é, não é uma associação que meramente decifra 'o que o texto quer dizer', mas segue a lógica da *união*, em que a compreensão emana das qualidades sensíveis do texto que tocam o leitor. Daí que não se trata de leitura como decifração, mas sim de captura daquilo que emana do texto e sensibiliza quem o lê.

Essa sensibilização provocada pelo texto pode acontecer regida por dois caminhos distintos: pelo caminho da aventura ou pelo da prudência (LANDOWSKI, 2014a) . A *constelação da prudência* inclui dois modos de interação que são modelos de interação na semiótica narrativa, a interação programada e a interação manipulada ou estratégica.

A interação programada entende que na interação as funções dos participantes estão delimitadas, sendo papéis a serem seguidos de modo regular. Há um modelo estabelecido e que se realizará na medida em que os envolvidos agirem como se espera, levando a significados previsíveis. A capa estabelece o primeiro contato com o leitor em uma programação simbólica assumindo seu papel como elemento de um objeto cultural, o livro.

No entanto, a intencionalidade da capa não é somente programada para instigar o leitor, ela também está assentada em estratégias que buscam atrair o leitor para que aceite o convite para ler e conhecer mais do que a capa. As estratégias, implicadas no próprio gênero textual capa, ao mesmo tempo programadas e estrategicamente motivadoras podem envolver o leitor e levá-lo a outros regimes de interação e sentido. A *constelação da aventura* é outro caminho que oferece ao leitor maior liberdade ao posicioná-lo de modo mais central na interação, oportunizando maior sensibilidade e, talvez, a transcendência dela para outras experiências sensíveis.

A interação também pode acontecer por meio de uma sensibilidade reativa e perceptiva que pretende o *fazer sentir* de modo ajustado a todos os participantes de maneira recíproca, seja por reação ou por percepção, como explica Landowski (2014a). A capa que se oferece como objeto de sentido, pretende que o leitor reaja diante dela (sensibilidade reativa), porém sem ignorar que é o leitor que a vê (sensibilidade perceptiva) e isso oferece maior

abertura ao sentido, tendo em vista que não há planejamento prévio de como essa relação se dará. Essa falta de antecipação poderá levar a uma aleatoriedade da interação e do sentido produzido a partir dela. Essa aleatoriedade que é uma "[...] forma de não-sentido que representa o puro acaso [...]"(LANDOWSKI, 2014a. p.74), não deixa garantias da parte de nenhum dos atores envolvidos de que haverá algo resultante da relação. Esse não-sentido poderá reconfigurar a interação, passando da aleatoriedade à intencionalidade que despertará a sensibilidade. Uma capa, por exemplo, que foge aos padrões sejam eles editoriais, gráficos ou estéticos revela uma aleatoriedade regendo a interação com o leitor. Tal aleatoriedade pode promover uma nova maneira de interagir, seja por meio de uma regularidade programada, uma intencionalidade estratégica ou uma sensibilidade ajustada ao que o texto oferece.

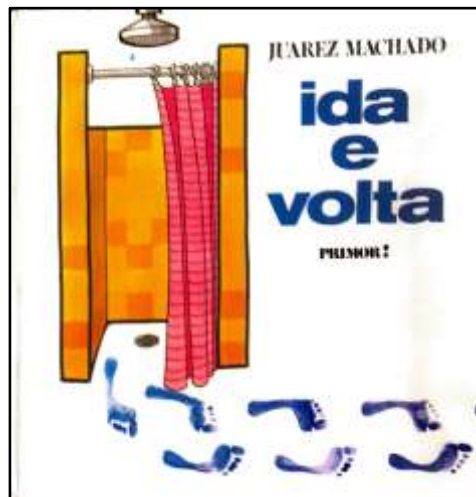
O que se descreve a seguir é o percurso de sentido de uma capa. Em seguida, analisa-se como o texto visual abre-se às interações e aos sentidos, seja por meio da regularidade, da intencionalidade, da sensibilidade ou da aleatoriedade, isoladas ou combinadas.

3 Capa: imagem-convite para ler e produzir sentidos

A análise a seguir descreve o percurso gerativo de sentido. Visibilizam-se efeitos de sentido e modos de interação sensível suscitados pelo que se apresenta na capa do livro de imagem "Ida e volta"(Figura 1), do mímico Juarez Machado, premiado pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ)² em 1982, o primeiro livro de imagem publicado no Brasil.

Figura 1 - Capa "Ida e volta"

² A Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) - <https://www.fnlij.org.br/> - é a seção brasileira vinculada ao International Board on Books for Young People IBBY, seção espanhola. Fundada em 23 de maio de 1968 realiza diferentes ações que tem por objetivo beneficiar direta ou indiretamente a infância e a adolescência por meio da formação de leitores.



Fonte: Acervo pessoal.

A capa tem forma quadrada, plano de fundo branco e as figuras que nela se apresentam discriminam três regiões: metade esquerda, um box de banheiro com a cortina aberta, o espaço é reconhecido tanto pelas paredes azulejadas quanto pelo conjunto chuveiro e ralo no piso; terço inferior, pegadas de pés grandes que deixam marcas em azul pelo chão, saindo de dentro do box com passos em direção ao canto inferior direito da capa; metade direita superior, nome do autor, título da narrativa e nome da editora. A imagem ocupa dois dos três espaços identificados na organização gráfica da capa.

No título há duas ações: ir e voltar. As pegadas azuis, na parte inferior, indicam por meio da repetição o movimento de passos que se deslocam de um ponto a outro, figurativizando o ir. Pode-se apenas inferir que se há a ida haverá a volta.

A oposição ir e voltar inaugura o percurso gerativo de sentido. Está completa no título e apenas uma das ideias está na imagem. O movimento de ir é revestido pela figura das grandes pegadas azuis. A repetição das pegadas, não alinhadas em um movimento do canto inferior esquerdo até o direito, revelam um enunciado de fazer como se adentrassem o livro. O desaparecimento das pegadas convida a abrir o livro, instigando a curiosidade, a dúvida e, conseqüentemente, a vontade de continuar a leitura, metaforizada pelo perseguir das pegadas.

A constituição topológica convida à leitura da imagem - a principal figura da capa, o box de banheiro, está no lado esquerdo, ocupando quase metade dele. As cores vibrantes - tons de amarelo e de rosa - contrastam-se e complementam-se, cores quentes que se opõem ao azul das pegadas. O plano de fundo em cor branca amplia o contraste cromático e destaca as linhas pretas que dão contorno ao box de banheiro, à cortina do chuveiro, ao chuveiro e ao ralo, constituindo um cenário para a ação performada por quem deixou o rastro de pegadas.

A capa, portanto, enuncia um convite que pretende contagiar o olhar, isto é, relacionar-se com o leitor, provocá-lo a ver, produzir sentido a partir desse encontro. O contágio segundo Landowski (2014b, p.18) é "a relação entre sensibilidades", não se trata apenas de gostar ou não gostar, é uma interação baseada no sentir sensível que não pretende a *junção* mas a *união* com o leitor. O papel temático de uma capa é convidar o leitor para ver/ler a ela e o livro que ela envolve. O convite aceito é a realização de uma programação do tipo causal, como caracteriza Landowski(2014a), visto que a capa é parte do livro um objeto com função reconhecida e definida em uma sociedade letrada. A produção de sentido não está limitada ao papel temático, pois essa depende não apenas do que é lido, mas também de quem lê.

O leitor é o enunciatário que se constitui a partir da enunciação da capa. Essa enunciação predominante visual leva a uma relação que inicia no olhar e pretende *fazer ser* e *fazer fazer* a partir do ver/ler o que a capa enuncia. A captura do leitor dá início a outro modo de interação não mais da ordem da regularidade, mas da intencionalidade do enunciado verbo-visual que reforça o convite para produzir sentidos a partir do que lê. O que se tem é uma interação que ocorre tanto em decorrência de uma regularidade simbolicamente instituída na cultura letrada quanto de uma intencionalidade estratégica que decorre da ação de um leitor que se deixa motivar pela estratégia enunciativa construída a partir da linguagem visual.

A interação organiza-se em torno de um enunciado que pretende motivar o *fazer querer* do leitor. Primeiro, o *fazer querer* olhar a capa, a regularidade simbólica inerente à capa do livro, como embalagem que envolve a publicação e busca a atenção do leitor. Depois, pretende-se o *fazer querer* saber ou completar as lacunas de sentido: para onde aquelas pegadas vão?; como e quando acontecerá a volta? Revela-se uma enunciação baseada tanto na regularidade simbólica quanto na motivação intencionalmente construída em torno da incompletude, seja da ausência da figura do corpo do personagem cujas pegadas são vistas na capa, seja da continuidade da ação que é apenas deflagrada na capa - o ir. Há uma relação baseada na prudência, que pretende motivar o leitor a ingressar na interação, mas que não pretende se esgotar na leitura da capa-embalagem. O que a princípio é modalizado pelo *fazer ser* - ser espectador - na continuidade da relação pretende o *fazer fazer* uma leitura sensível diante da capa.

Considerações finais

A capa de um livro segue uma programação simbólica instituída na sociedade letrada. Sua função comunicativa é convidar a ler o conteúdo que ela reveste. A imagem presente nela e que se mostra ao leitor amplia os limites sensíveis da interação abrindo brechas para

a participação mais ativa do leitor. A leitura da capa e do seu enunciado visual é um duplo convite à construção de sentidos, ao mesmo tempo programado e semissibolicamente aberto.

A experiência sensível da leitura inicia na capa. Uma leitura atenta da capa torna-se mediadora da leitura do livro. Neste texto procurou-se por meio da análise de uma capa demonstrar que a experiência de leitura da capa é também deflagradora da relação sensível com a forma de enunciar por meio da linguagem visual que estará presente no livro.

O enunciado visual da capa apresenta ao leitor as escolhas semânticas e sintáticas da narrativa que estará no livro, inaugurando e mediando a leitura. No entanto, a capa não encerra em si todos os sentidos. A mediação da leitura também poderá ser ação importante para que os sentidos não se restrinjam ao texto, nem ao leitor, mas levem a um movimento transversal de interação entre ambos para um sentido motivado e sensível.

A capa-texto é mediadora da leitura a partir do percurso gerativo de sentido que apresenta, porém a relação com o leitor iniciante talvez necessite de uma experiência de leitura mediada por um leitor mais experiente tendo em vista que o livro de imagem pode ser objeto de prática de leitura para leitores iniciantes. Esse leitor-mediador, que analisa a capa, poderá organizar a sua mediação considerando a associação entre interação e sentido, colocando em prática modos de ser e agir que oportunizam sentidos mais amplos ou mais restritos, mais sensíveis ou mais regulares. Compreender a textualidade da capa torna o encontro com ela mais do que uma atividade motivadora para a leitura do livro, é parte do planejamento da mediação de leitura com vistas ao desenvolvimento sensível de um leitor visualmente letrado e apto a lidar com a narrativa visual.

REFERÊNCIAS

FIORIN, J. L.. **Elementos para análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2001.

FLOCH, J. M.. "Imagens, signos, figuras: a abordagem semiótica da imagem" **Cruzeiro Semiótico**, vol. 3, 1985, pp. 75-82.

FLOCH, J. M.. "Alguns conceitos fundamentais em semiótica geral". **Documentos de Estudo do Centro de Pesquisas Sociosemióticas**. São Paulo: Centro de Pesquisas Sociosemióticas, São Paulo, 2001.

GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. **Dicionário de semiótica**. São Paulo: Contexto, 2008.

LANDOWSKI, E.. **Interações arriscadas**. São Paulo: Estação das Letras e Cores: Centro de Pesquisas Sociosemióticas, 2014a.

LANDOWSKI, E.. "Sociosemiótica: uma teoria geral do sentido". **Galaxia**, n. 27, 2014b, pp. 10-20.

MACHADO, J. **Ida e volta**. Rio de Janeiro: Gráfica Editora Primor, 1976.

OLIVEIRA, A, C, de. "Repetição e diferença: uma dupla face". **Farol**, Vitória, n. 1, 1999, pp.107-125.

OLIVEIRA. A. C. de. "Lisibilidade da imagem". **Revista da FUNDARTE**. v.1,n.1, 2001, pp.5-7.

RAMOS, Flávia Brocchetto; PANOZZO, Neiva Senayde Petry. "Acesso a embalagem do livro". **Revista Perspectiva**, v. 23, n. 01, p. 115-130, jan./jul. 2005.